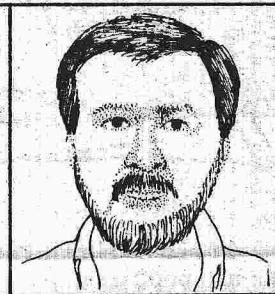


16 DEZ 1990

Os videntes do rei

Os economistas são hoje uma espécie de magos. Sem propor maravilhas, oferecem uma amarga filosofia do sofrimento

Francisco Antonio Doria



Deu no JB. Disse a ministra Zélia: ‘Eu digo que o que temos de discutir é a distribuição das perdas, porque não há ganho possível quando se combate a inflação.’

O doutor John Dee foi, com certeza, um personagem poderoso e influente. Astrólogo e físico (ou médico) da corte de Elizabeth I da Inglaterra, a rainha a ele recorría para escolher os dias propícios à realização dos atos magnos de seu reino. Assim sendo, diz-se que foi John Dee quem fixou o dia da coroação de Elizabeth, escolhendo-o através de uns cálculos astrológicos indecifráveis e conferidos com a ajuda de um espelho mágico em cuja contemplação Dee se esquecia, tentando adivinhar o futuro do reino (espelho esse que hoje, segundo nos informam os catálogos de curiosidades, está perdido num cantão qualquer do Museu Britânico, do mesmo jeito que a Arca da Aliança descoberta por Indiana Jones).

A influência de John Dee, no entanto, foi muito além da corte elizabetana. Dee e um seu associado, Edward Kelly, mistura banal de médium e charlatão, viveram por muitos anos na corte de Rodolfo II de Habsburgo, em Praga, orientando o imperador com suas magias e horóscopos, e ensaiando, como bons alquimistas, a transmutação do chumbo em ouro. De volta à Inglaterra, Dee retorna sua posição na corte, e morre, rico, respeitado e glorificado, em 1608, poucos oito anos depois daquele dia em que o supremo inquisidor, São Roberto Bellarmino, fez churrasquear no Campo de Fiori, em Roma, a Giordano Bruno de Nola.

Que nos chegou de John Dee? Alguns confusos livros de magia, e uma esforçada sociedade secreta que floresceu brevemente no século XVII e hoje tem seu maior centro na improvável cidade de San José, na Califórnia, na ponta sul do Silicon Valley, o centro mundial da inventividade em matéria de microcomputadores. Que sociedade? Ora, os Rosacruzes, cujos textos sagrados foram plagiados das obras de John Dee e publicados em 1615 por mão anônima. Vagos talentos divinatórios,

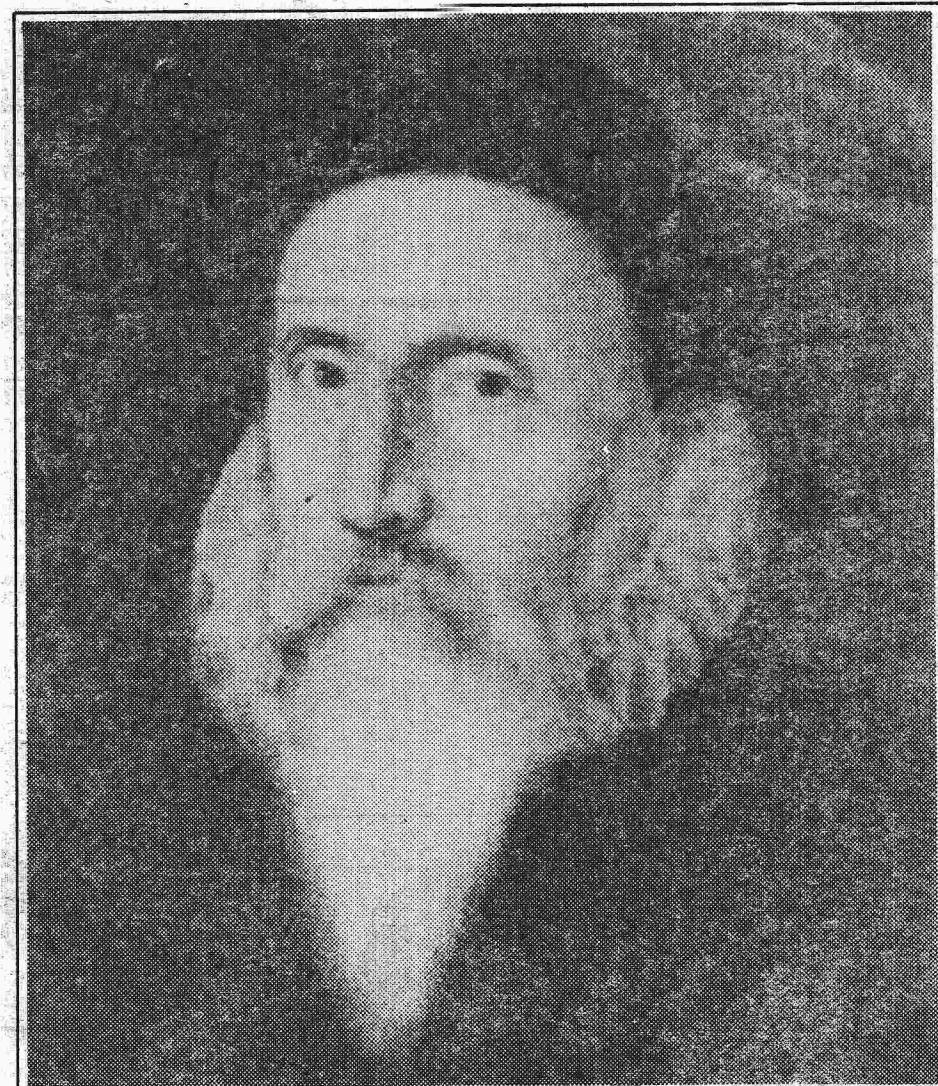
glórias oficiais durante a vida, e na herança algum esoterismo confuso e impotente, como todos os esoterismos.

A filosofia de Dee é simples: *per aspera ad astra*. O sofrimento leva ao paraíso. O corpo humano, doente, precisa ser mortificado, sacrificado para chegar à cura dos seus males. O corpo social precisa passar pelo inferno para atingir o bem-estar comum. Filosofia de economista, filosofia de ministra da economia nos pincaros da glória oficial.

Uma tradição paralela, marginal se opõe às glórias de John Dee. Começa em Tartaglia e Cardano, escravos e salafrários, mas brilhantes matemáticos. Passa por Giordano Bruno, cujas intuições antecipam a cosmologia de Einstein e chega a Galileu, outra vítima de São Roberto Bellarmino. Pudera; o santo padroeiro deste foi Jörg Sabellicus, ou Johann Faustus, mágico de feira, saltimbanco perseguido pelas sabenças e religiões oficiais. O Doutor Fausto, em vez do doutor Dee. Mas desta tradição sempre hostilizada nos descendem boa parte da física e matemática de hoje em dia.

Tradição nunca oficialesca, nem mesmo no que pre-gava. Seu objetivo declarado é, sempre, abrandar o sofrimento humano e tornar a vida mais fácil e simples. É a medicina de Ambroise Paré, cujo discípulo Servetus foi queimado vivo por ordem de Calvino. Ou a engenharia que nasce na teoria (inventada por Galileu) da resistência dos materiais e que nos permitiu generalizar as técnicas de construção de grandes estruturas com um esforço mínimo. A vida, acreditam os faustianos, pode ser fácil, simples e feliz, sem sofrimento.

Mas a sabença dos economistas neoliberais é de John Dee, e não a ciência de Fausto, Bruno, Servet ou Galileu. Só o sofrimento purga. O paraíso é sempre distante, difícil, ao alcance de poucos eleitos. Eleitos? Palavra peculiar... E também é pouca e confusa a sua ciência. Em 1982 Gérard Debreu ganhou o Prêmio Nobel de Economia porque demonstrou o teorema central à doutrina neoliberal. Usando um fantástico aparato matemático, Debreu provou que o mercado livre “funciona”: todo conflito num mercado livre acaba alcançando a estabilidade. Portanto, é só deixarmos o mercado funcionar que as coisas se ajeitam. O mercado é “racional”; nos seus ajustes há, certo, desemprego e falências, enfartes e suicídios; mas ao fim da coisa tudo



John Dee, matemático e astrólogo da rainha Elisabeth I, retratado por um pintor desconhecido em 1594

se arranja, a economia se estabiliza e chega-se ao paraíso. Pena que um corolário ao teorema de Debreu, conhecido só por ultra-especialistas (e por alguns outros que furaram o cerco), mostre que essencialmente todos os mercados estáveis de Debreu são tão caóticos que, na prática, se tornam indistinguíveis do pior dos caos econômicos. No Brasil estamos vivendo o quê? O caos “racional” de Debreu ou o caos “irracional” da inflação?

A coisa vai além. Na bíblia da economia matemática, os *Fundamentos da Análise Econômica* (deram a seu autor, Paul Samuelson, também um Prêmio Nobel de Economia), listam-se uma porção de critérios matemáticos — e portanto supostos exatos, rigorosos, “científicos” — para a estabilidade das demandas, ofertas, ciclos, e sabe-se lá mais que coisa. Só que, novamente, nenhuma teoria econômica será capaz de verificar tais critérios. A economia matemática é aquilo que os lógicos chamam de uma teoria *incompleta*: ela é incapaz de demonstrar todas as suas verdades, e na realidade só alcança uma parte bem pequena dessas verdades. Ciência fraca, filosofia do sofrimento: aí está a economia dos neoliberais.

Talvez porque, no fundo, não exista ciência nisso. Apenas uma *ancilla potestatis*, uma servil do poder. Alguma astrologia à moda oficialesca de John Dee, a sabença dos economistas neoliberais.

Porque a finalidade da ciência e da técnica, sempre fáusticas, é tornar a vida mais feliz. Enquanto que as doutrinas dos economistas no poder exigem que a gente sofra para pagar os nossos pecados, reais ou fantasias-dos.

Porque, no fundo, o que se quer é que o fluxo de capitais e talentos continue indo do hemisfério sul para o hemisfério norte, do terceiro para o fabuloso primeiro mundo. Aqui mais pobres, sempre, os pecadores. E lá os outros, santos, ricos e felizes.

A filosofia de John Dee é simples: só o sofrimento leva ao paraíso. Os economistas neoliberais pensam da mesma maneira